

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

UMA INTERPRETAÇÃO BEHAVIORISTA RADICAL DA DISCUSSÃO FEMINISTA DO AMOR ROMÂNTICO

Juliany Oliveira Zanuto (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná); Carolina Laurenti (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná); Carlos Eduardo Lopes (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná).

Contato: julianyzanuto@hotmail.com

Palavras-chave: Amor romântico. Behaviorismo radical. Feminismo. Gênero. Patriarcado.

Muitas pessoas falam sobre o amor romântico, mas poucas conseguem defini-lo. De acordo com Giddens (1994), o amor romântico trata-se de uma crença na existência de almas gêmeas, que selariam o amor eterno e viveriam “felizes para sempre”. Não levou muito tempo até que isso se tornasse alvo de estudo e crítica de algumas vertentes, especialmente do movimento feminista, que descreveu o amor romântico como contribuinte do processo de opressão de gênero, visto que os modelos de relações amorosas estabelecidos por ele promovem a reprodução de estereótipos de masculinidade (provisão, proteção, força, virilidade) e feminilidade (dependência, sensibilidade, fragilidade), favorecendo a manutenção do patriarcado (NEVES, 2007).

Contudo, o feminismo não é a única perspectiva por meio da qual é possível estudar a problemática do amor romântico. No início da década de 1990, Maria Ruiz deu início a um movimento de aproximação entre behaviorismo radical e feminismo, sendo que este movimento tem sido retomado nos últimos anos no Brasil (COUTO; DITTRICH, 2017). Desse modo, apesar de Skinner não ter estudado o amor romântico, em particular, isso é possível de ser realizado atualmente. Porém, um estudo behaviorista radical do amor romântico implica considerá-lo como um conjunto de condições corporais que acompanham as ações do indivíduo, sendo que essas ações acontecem em determinados contextos e produzem consequências reforçadoras positivas mútuas (por exemplo: desejar estar junto ao outro, trocar carinhos etc.), mas, ao mesmo tempo, reforçam as assimetrias entre os gêneros.

Tendo isso em vista, o objetivo desta pesquisa foi avaliar se a forma como o feminismo discute o amor romântico seria coerente com a explicação behaviorista radical do sentimento amoroso. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza bibliográfica, cujas fontes consistiram em artigos científicos disponíveis nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Sociological Abstracts*. Foram selecionados artigos

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

redigidos em português, que apresentaram no título, no resumo e/ou no corpo do texto as palavras-chave relacionadas ao feminismo e ao amor romântico. O material selecionado foi sistematizado na forma de um quadro, cujas colunas continham: a referência do artigo, os trechos em que as palavras-chave apareceram e comentários acerca desses trechos. Com base nessas informações, foi elaborado um texto para analisar a compatibilidade entre a discussão feminista e o behaviorismo radical no que diz respeito ao amor romântico.

Ao fim da aplicação do método, foram selecionados treze artigos científicos para serem analisados e categorizados. O quadro da categorização continha informações sobre a forma como os autores tratavam do amor romântico: se o descreviam como mente ou como comportamento, se consideravam o contexto cultural, e assim por diante. Ao fim da categorização dos artigos, deu-se início à análise qualitativa, elaborada com base nas informações do quadro. A seção da análise qualitativa foi dividida em duas partes: uma contendo as divergências entre as visões feminista e behaviorista com relação ao amor romântico; e outra contendo as convergências entre as duas teorias.

Com relação às divergências, foram identificadas algumas afirmações em que os autores se utilizavam de explicações mentalistas para tratar do amor romântico, como no artigo de Fernandes e Siqueira (2010), em que a palavra “incorporação” foi utilizada algumas vezes para explicar a aprendizagem de valores culturais patriarcais, o que pode sugerir a interiorização e o armazenamento de informações na mente. Para Skinner (2003b), adquirir conhecimento não significa armazená-lo em uma mente ou cérebro, mas sim aprendê-lo: as informações se tornam parte do repertório comportamental, pois o conhecimento é uma forma de o sujeito relacionar-se com o mundo. Assim, o aprendizado se trata de uma adição de novas tendências comportamentais ao repertório do indivíduo.

Já o tópico de convergências foi dividido em três subtópicos, referentes às dimensões de análise do comportamento humano (elaboradas por Skinner) que foram identificadas mediante sistematização dos artigos: a cultura, a ontogênese e a subjetividade (LOPES; LAURENTI; ABIB, 2018). Em cada tópico foi apresentada uma hipótese de convergência entre o feminismo e o behaviorismo radical em relação a algum aspecto. De acordo com essa lógica, o objetivo do primeiro subtópico era confirmar a hipótese de que os artigos feministas sobre amor romântico recorriam à dimensão cultural (patriarcado) para explicá-lo.

Autores como Bensusan (2004) e Rossi (2017) apresentaram o patriarcado como uma forma de organização cultural que instaura a dominação masculina e a submissão feminina.

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

Nesse contexto, o amor romântico foi caracterizado como um produto social, cuja função consiste em promover a manutenção do patriarcado, por meio do estabelecimento de padrões de comportamento ditos “românticos” (como o homem provedor e a mulher cuidadora), que resultam na determinação do masculino como superior, e do feminino como subalterno. Sobre isso, Rossi (2017) destaca que não apenas os comportamentos são controlados por práticas culturais patriarcais, como também: “pode-se interpretar que a significação dos sentimentos e dos prazeres também opera conforme regimes disciplinares [patriarcais], sendo alguns [sentimentos] considerados ‘nobres’ e, portanto, incentivados, como é o caso do amor romântico – heterossexual e monogâmico” (p. 238). Além disso, instituições (agências de controle) como a mídia e a família foram descritas pelos autores como transmissoras e mantenedoras do patriarcado, o que pode ser percebido, por exemplo, no artigo de Bensusan (2004), que trata sobre a mídia pornográfica. O autor problematiza o fato de a mulher ser exibida nos conteúdos pornográficos “[...] como sendo um prêmio, uma caça, um corpo a ser dominado [pelo homem]” (BENSUSAN, 2004, p. 134), revelando o papel de propagação de ideais patriarcais que a mídia pode assumir. Desse modo, a discussão feminista do amor romântico não apenas recorreu a contingências culturais patriarcais para explicar esta forma de amor, como também apontou o papel das agências de controle na transmissão e manutenção do patriarcado.

Já no segundo subtópico, referente à ontogênese, o intuito era confirmar a hipótese de que os autores trabalharam com as diferentes topografias dos comportamentos amorosos sem desconsiderar a influência do contexto cultural sobre elas. Levando-se em conta, por exemplo, a questão da violência conjugal, os comportamentos envolvidos nesse tipo de relação apareceram na forma de diferentes topografias como agressões, ciúmes e, até mesmo, na forma de transmissão de HIV para a parceira (GROSSI, 1994; PORTO; BUCHER-MALUSCHKE, 2014). Porém, apesar dessas variações no comportamento da violência contra a mulher, todas elas parecem ter a mesma função, isto é, remetem “[...] à situação de desvalorização, subalternidade e exploração das mulheres em uma sociedade visivelmente capitalista e patriarcal” (GROSSI, 1994, p. 477). Ainda assim, muitas mulheres permanecem nesses relacionamentos opressivos, algo que é influenciado por discursos românticos que legitimam a dominação masculina, como é o caso do pressuposto romântico de que a mulher não consegue ser feliz sozinha, pois precisa de sua alma gêmea (PORTO; BUCHER-

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

MALUSCHKE, 2014). Portanto, no que diz respeito às topografias das relações amorosas românticas, a maioria dos autores situou-as no âmbito de contingências culturais.

Por fim, em relação ao subtópico da subjetividade, o objetivo era confirmar a hipótese de que os autores abordaram a questão da subjetividade de maneira contextual (ou seja, levando em consideração as contingências patriarcais), com destaque para as diferentes perspectivas de análise da subjetividade: o corpo, a pessoa e o *self*. Analisar a perspectiva do corpo significa analisar a forma como a própria estrutura corporal é descrita em determinados contextos. Já em relação à pessoa, trata-se de sondar a descrição verbal do indivíduo feita pelos outros em certas contingências. E, por fim, sobre o *self*, a análise desta dimensão permite examinar a forma como um sujeito percebe a si mesmo em certos contextos (LOPES; LAURENTI; ABIB, 2018).

A perspectiva do corpo pôde ser identificada no artigo de Bordini e Sperb (2012), que analisaram as narrativas de alguns adolescentes sobre papéis tradicionais de gênero, indicando a frequência com que “o homem e a mulher assumiam posições complementares ao se relacionarem. Os homens eram hipersexualizados, as mulheres hipossexualizadas; o posicionamento contrário provocava consequências negativas para o indivíduo” (p. 744). Em outras palavras, o corpo do homem é descrito de modo diferente do corpo da mulher, o primeiro é lócus do desejo e do prazer, o segundo não. A influência do patriarcado na dimensão pessoal foi explicitada quando Fernandes e Siqueira (2010) mencionaram a descrição de suas entrevistadas sobre os personagens de filmes românticos: o masculino era percebido como “sendo o forte, o sedutor, o que salva, e o feminino como sendo o encanto, a sedução, mas também o cuidado, o companheirismo” (p. 114). Esse trecho ilustra como o discurso em terceira pessoa (o que os outros dizem sobre o que é ser homem – forte, sedutor, herói – e mulher – sedutora, cuidadora, companheira) é permeado por contingências culturais patriarcais. Por fim, sobre a dimensão do *self*, é possível citar um relato sobre a maternidade, feito por uma entrevistada de Gonçalves (2017): “Meu medo de ter filho, talvez seja esse, de ter que doar tanto, eu não quero isso, eu acho que eu sou um pouco egoísta pra ter filho” (p. 487). A percepção de si mesma como egoísta por não desejar se sacrificar pela prole evidencia que o pensamento desta mulher se encontra influenciado pela lógica patriarcal de que uma mãe deve renunciar a sua própria vida em nome de seus filhos. Assim, mesmo as dimensões mais subjetivas do ser humano foram consideradas pelos autores como influenciadas pelas contingências culturais.

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

Em suma: a literatura feminista explicou o amor romântico recorrendo ao contexto cultural, destacando as topografias da relação amorosa romântica sem desconsiderar as contingências culturais e discutiram a subjetividade dos indivíduos românticos situando-a de acordo com o contexto cultural. Portanto, o feminismo apresentou uma discussão coerente com a interpretação de Skinner acerca dessa prática cultural conhecida como amor romântico.

Referências

BENSUSAN, H. Observações sobre a libido colonizada: tentando pensar ao largo do patriarcado. **Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 131-155, 2004.

BORDINI, G. S.; SPERB, T. M. Concepções de gênero nas narrativas de adolescentes. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, v. 25, n. 4, p. 738-746, 2012.

COUTO, A. G.; DITTRICH, A. Feminismo e análise do comportamento: caminhos para o diálogo. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 8, n. 2, p. 147-158, 2017.

FERNANDES, W. R.; SIQUEIRA, V. H. F. de. O cinema como pedagogia cultural: significações por mulheres idosas. **Estudos Feministas**, v. 18, n. 1, p. 101-119, 2010.

GIDDENS, A. O amor romântico e outras ligações. In: _____. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora Unesp, 1993. p. 59-76.

GONÇALVES, E. Solteira, sem filhos: menos que meia pessoa? **Mediações**, v. 22, n. 2, p. 479-498, 2017.

GROSSI, M. P. Novas/ velhas violências contra a mulher no Brasil. **Estudos Feministas**, número especial, p. 473-483, 1994.

LOPES, C. E.; LAURENTI, C.; ABIB, J. A. D. Ser humano complexo. In: _____. **Conversas pragmatistas sobre comportamentalismo radical**. 5. ed. Curitiba: CRV, 2018. p. 67-92.

NEVES, A. S. A. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluyente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"? **Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p. 609-627, 2007.

PORTO, M.; BUCHER-MALUSCHKE, M. J. S. N. F. A permanência de mulheres em situações de violência: considerações de psicólogas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 30, n. 11. 3, p. 267-276, 2014.

ROSSI, T. C. Feminilidade e suas imagens em mídias digitais: questões para pensar gênero e visualidade no século XXI. **Tempo Social**, v. 29, n. 1, p. 235-255, 2017.

SKINNER, B. F. O lugar do sentimento na análise do comportamento. In: _____. **Questões recentes na análise comportamental**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991. p. 13-24.